

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 27 de abril

Cahiu o ministerio: a historia da sua morte é tão interessante como a do seu nascimento. Foi um aborto, viveu uma vida de achaques, morreu amaldiçoado pela propria mãe que o pario.

El-rei partira domingo á tarde para além do Tejo. Ouvimos dizer que ia fazer um *piquenique*. Esta versão condizia com o trem que levava—eram caçadores sem conto, almofia, e todos os arranjos de cozinha. O imperador quando ia para a guerra não ia assim; levava a sua espada, um coração generoso, *peito ás armas feito*. E o marido da rainha marchava sem duvida para os arraiaes cabralistas! Ninguem vio a sua armadura, salvo se um tacho era o seu escudo, um espeto o seu montante, uma rodilha a sua saia de malha. O imperador vestia a cota d'armas, o seu genro vestia o avental do cosinheiro; aquelle cuidava no seu braço, este no seu estomago.

O que determinára tão heroi-burlesca resolução foi um aviso do Vinhaes, no qual participava ao commandante em chefe que a tropa estava desmoralizada, que desertava toda, que o inimigo tinha mais força do que se dizia, e que era necessario que S. M. fosse lá para vêr por seus olhos as difficuldades do ataque, e inspirar á tropa algum respeito e confiança.

Na primeira noute dormiu o joven guerreiro em Almada. Escreveu d'ahi á rainha uma carta, na qual dizia que «pensando sobre os negocios publicos era de parecer que S. M. devia mudar de ministerio, e acceder ás condições propostas pela Inglaterra accetando a sua mediação.»

No dia seguinte (hontem 26) a rainha mandou chamar os membros do gabinete, e declarou-lhe «que estava resolvida a accetar a mediação ingleza, e que sendo elles contra essa mediação se deviam considerar demittidos.» Os ministros agradeceram a S. M. a mercê da

exoneração, e sahiram como uma polvora brandando contra a rainha, contra o rei, *desapontados* por serem postos fóra contra sua vontade, pois que haviam feito panellinha para não pedirem a demissão.

El-rei foi mandado logo chamar.

Diz-se que em seguida foi mandado ir ao paço o barão de Renduffe. A rainha disse-lhe que participasse a sir C. H. Seymour que accetava as condições propostas pelo gabinete britannico. O barão declinou a honra sob pretexto de que achando-se ha pouco tempo no paiz não tinha as relações sufficientes para desempenhar como convinha tal commissão. Diz-se que elle indicára como mais proprios para esse encargo o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães ou o sr. conde de Lavradio mas que S. M. não quizera ouvir fallar absolutamente no primeiro, e *por agora* no segundo.

Foi depois chamado o sr. José Cupertino de Aguiar Ottolini que igualmente se recusou fazer parte da nova combinação ministerial. Apoz este foi chamado o sr Felgueiras que tambem não quiz accetitar.

Afinal foram chamados, um por um, os srs. Tavares Proença e Manuel Duarte Leitão, que accetaram !!!

Corre agora como certo que a administração está formada da seguinte maneira:

Francisco Tavares d'Almeida Proença—reino.

Manoel Duarte Leitão—justiça.

Conde do Tojal—fazenda e marinha.

Barão da Barca—guerra.

Bayard—estrangeiros.

Somos informados de que todas estas nomeações são interinas. O ex duque de Saldanha continua na presidencia do conselho.

Segundo o que parece deprehender-se a rainha não quer uma administração homogenea e compacta; andou á pesca de um ministro aqui, d'outro alli, d'outro acolá, e pertende pôr-lhe aos hombros a cruz do approbrio que lhe legou a administração finada.



Esta organização contraria todo o intuito com que parece ser feita. A rainha allegava rasões de paz, e chama para os seus conselhos os homens da guerra.

O sr. Proença votou pela deportação dos prisioneiros de Torres Vedras para as costas de Africa.

O sr. Bayard jacta-se de ser o principal conspirador para a emboscada de 6 d'outubro.

O sr. Manuel Duarte Leitão na reunião cabralista de 13 do corrente votou pela regeição das propostas, e continuação da guerra.

O barão da Barca é cabralista decidido e concorreu para o assassinato do sr. Joaquim Rodrigues de Campos.

O Tojal é o Tojal — pediu a demissão ha dias por não querer a guerra, e é agora nomeado com os homens que a queriam.

O ministerio pois é dos homens vingativos e de sangue. A rainha diz que acceta as propostas de mediação, e escolhe os homens que as combateram — diz que se quer reconciliar com o seu povo, e escolhe para os seus conselhos os homens que o teem trahido.

A recomposição não é em ultima analyse senão um novo ardil. Querem adormecer o povo para o degolarem, querem ganhar tempo para fazer a guerra.

Não o consentirão; que conhecemos as pessoas com quem tractamos. O ministerio é bom para nós porque é outro.

Os cabralistas estão desconcertados com este desfecho. O José Cabral quer *bernarda* para ser e le aclamado e mais o irmão. Tem andado a apalpar os voluntarios urbanos, que se acham divididos, e a maioria é contraria. O nome de Cabral é hoje uma affronta, e o caso é que o de Saldanha não val mais. Nós tememos pouco a revolução porque conhecemos toda a cobardia d'esse partido que persegue e mata o povo inerte, mas que foge sempre diante dos perigos.

O ministerio de 6 d'outubro morreu; com elle morre o seu partido. Castilhos, Lopes de Lima, pernas de pau, tudo isso é o arsenal do cabralismo, são as fezes de todos os partidos, os larapios que vão aos campos da batalha só para despojar os mortos, e que andam atraz de todos os exercitos para lhes apanhar as bagagens.

Esse monstrosinho que agora nasceu é a ponte por cima da qual vai atravessar para o poder o partido popular.

O governo pertence ou á força ou á intelligencia ou a ambos. O da força simples é o do despotismo, o da força reunida á intelligencia é o popular, o legitimo. A intelligencia sem a força á sua disposição é uma outopia, prepara o governo dos estados mas não é esse governo, conhece a verdade mas não a pode provar. Entendemos aqui por força a maioria numerica.

E só no partido nacional que sauda a junta do Porto estão hoje as condições do poder. Es-

tá ahí a intelligencia, está ahí a força, está ahí o direito e a rasão.

Esses homens que a rainha chamou podem ser caracteres honestos, seriam talvez aptos, não todos, alguns, para tempos ordinarios, mas nas actuaes circumstancias tem contra si todos os partidos, e não tem força que lhes oppor.

Desenganem-se. O povo não desarma em quanto não vir garantida a constituição e as leis. Esta garantia está nos homens da revolução, está na abrogação de todos os actos arbitrarios, no desarmamento de todas as hordas de assassinos que teem assolado as provincias, na dissolução de todos esses batalhões de pretorianos, e no armamento completo da guarda nacional, que se compõe de todos os contribuintes e não d'esses *calças de couro* que tem de seu o diploma do emprego que disfructam.

Enganam-se se pensam que com paliativos iludem o povo. Tem sido muito pesado o despotismo, são mui repetidas as traições. A prerogativa hoje está na revolução. A rainha podia abreviar a lueta, poupar sangue, obstar a alguns desastres, e isso não era pouco, mas não pôde dirigir os destinos do paiz porque se desviou da estrada legal, e o poder dos reis é como o *patrio poder* que uma vez perdido não se recupera jámais.

Com o novo ministerio nem se quer se obsteu a alguns males. Continua a mesma politica, porque continua o mesmo presidente do conselho, e seus adherentes: continuará a mesma opposição, a mesma guerra, e o mesmo perigo para a corôa.

O Simão Pessoa que ia atacar Setubal estacou diante dos seus muros. Não se atira ás trincheiras, mas atira-se a tudo o mais que encontra, mata, rouba, assola tudo.

A marinha popular vai fazendo proezas. Em quanto o bloqueio do Porto não bloqueia nada, o Salter vai aprisionando todas as embarcações de guerra. Eis-aqui o que nos diz a nossa correspondencia de Setubal:

«Setubal, 22 ás 10 horas da manhã. — O *Royal Tar* é uma excellente embarcação, que nos habilita a fazer levantar o bloqueio do Porto, e a bloquear o Tejo, o que sem demora vai ter logar.»

«Idem, 25 ás 7 horas da manhã. — A deserção da força do Vinhaes para nós começou em grande escala no dia 23; sómente no dia e noite de hontem vieram 44, muitos d'elles armados, e tambem alguns sargentos. Segundo se acha determinado os soldados desarmados recebem logo 1\$200, e os armados 2\$400 rs.

Hontem o Salter fez tomar um bom cahique (*Serra do Pilar*) por surpresa e abordagem; tem um rudizio, duas peças, e 16 homens de tripulação.

Ao vapor *Royal Tar* mudou-se o nome no de *Salter*.»



«Idem. — Os cabralistas teem roubado tudo deixando familias nuas. Mataram um moleiro por lhes dizer que tinhamos sete mil homens; e a mulher, e uma filha que tinha dado á luz havia tres dias, tambem foram victimas. Vinho, bois, pão, gallinhas, carneiros, tudo teem roubado.

«Idem 26. — O inimigo não avança. Mandou vir artilheria grossa, e morteiros, mas não fará nada com isso.»

O visconde de Sá da Bandeira deu a liberdade ao commandante, officiaes e marinheiros do vapor *Royal Tar*. Toda essa gente abi chegou, e tem andado a agradecer ás familias dos cidadãos que estão em Setubal o bom tratamento que lá receberam.

Tambem o nobre visconde mandou para S. M. os sabonetes e as flôres que vinham de Inglaterra para ella no dito vapor.

Em quanto assim procedem os chefes populares, a ranha exauthora e manda para as costas d'Africa aquelles a quem deve estas finezas. Lembra-nos a fabula do homem e da cobra, ao qual esta matou depois de a haver acalentado no seio. Phedro tirava d'aquella fabula esta moralidade.

*Nequis discat prodesse improbis.*

A palavra *tranquibernia* passou para o dictionario politico de-de que o sr. Barros a empregou em côrtes para qualificar uma trampolina dos Cabraes, que queriam umas boas luvas para reconhecerem o emprestimo dos mil e dez contos feito a D. Miguel.

A verdadeira *tranquibernia* vai fazer-se agora. O ex-conde de Tojal promete interter em inscripções de 5 por cento as apolices chamadas dos 1:010 contos a todos os portadores que as acompanharem de 25 por cento em notas do banco de Lisboa.

Este emprestimo foi contrahido por D. Miguel para combater os liberaes, o governo que o reconhece não tem direito de censurar a garantia das patentes aos officiaes realistas.

Mas os possuidores das apolices devem ficar entendendo que o contracto é nullo, e que seja qual for o seu direito, perdem tudo quanto emprestaram ao governo, porque ficam na mesma condição em que estavam até aqui, porque a junta do Porto declarou nullos todos os emprestimos.

Como o governo constitucional acabou em Portugal, o governo inglez manda proceder á nomeação do juiz conservador. Eis-aqui o annuncio que se lê no consulado britannico.

#### AVISO

São convocados para uma reunião geral que terá lugar no hotel da Peninsula quinta feira 29 pela uma hora depois do meio dia, os subditos britannicos residentes n'esta capital para

elegerem um magistrado que preencha o officio de juiz conservador. — Consulado britannico 24 de abril de 1847. — *W. Smith.*

Do Porto em data de 20 ás 4 e meia da tarde nos escrevem o seguinte:

«Aqui entrou ha dias na presença do bloqueio um vapor, que sahiu uma das noites passadas para o Sul com despachos da junta, e com uma missão importante: a bordo d'elle foi o bravo Montenegro. O vapor chama-se *Falcão* — os cabralistas quiseram freta-lo para levar vinhos para Inglaterra, suppondo que elle viera ao Porto para ser empregado no transporte d'elles. Ha quem diga que por dias deve chegar outro: não o sei; mas parece-me que não são necessarios mais do que aquelles que a junta tem já para fazer desembarcar ao Sul ou ao Norte de Lisboa mais tropas, se isso entrar no plano de operações.

«Começaram as operações ao Norte do Douro uma bella divisão deve ter hoje avançado de Amarante para Villa Real, e perseguir as forças reunidas do Casal e Lapa: se ella as encontrar, o resultado não é duvidoso — o Povoas é o commandante. O marechal conde das Antas foi hontem encontrar-se com elle a Penafiel ou Amarante, mas aqui voltará hoje ou amanhã. Uma outra divisão está prompta para sahir sobre o Saldanha opportunamente. Ha, além das duas, uma terceira divisão, que deve guardar o Porto. Todas as tropas estão animadas do melhor espirito. O marechal passou revista no domingo a alguns corpos. As fileiras teem engrossado todos os dias com recrutas, mancebos e soldados apresentados. De Traz-os-Montes vieram um d'estes dias apresentar-se cento e vinte e tantos, uma parte armados, e teem vindo successivamente de lá e da Beira. A deserção nas fileiras do Saldanha tem sido grande: uma parte dos desertores vão para casa porque o podem fazer com menos difficuldade, e comtudo bastantes teem vindo para aqui. Hontem estive eu com dous de caçadores n.º 1. O Saldanha tirou bagagens pesadas, e alguma artilharia, e corre que elle mesmo se retirará, não só em consequencia da reunião das forças da junta ao Sul de Lisboa, e do estado da capital, mas pela falta de viveres e forragens para se conservar nas posições que actualmente occupa. Os povos estão exhaustos de tudo; tudo lhes teem roubado as tropas de Lisboa, que vivem das extorsões, das violencias e dos roubos que os chefes são obrigados a authorisar. Os cabralistas estão todos desfallecidos; já reconhecem que o paiz é contra elles, e que entregues a si não podem deixar de succumbir. Supplicam de mãos postas e humildemente uma intervenção estrangeira armada que os não deixe ficar de todo mal. A este respeito engolem boas pêtas: fazem dó.

«O *Europeo* escreveu d'ahi uma carta curiosa que dava a intervenção decidida, e um exercito anglo-hespano a desembarcar em Lisboa! Saldanha a quem se mandou cópia d'esta carta bateu as palmas, e publicou que a intervenção estava decretada; os commandantes dos corpos disseram-no aos officiaes, e os officiaes aos soldados. Póde dar-se maior desfaçamento? Pois a nação apoia a embuscada da noute de 6 de outubro, e elle não acha recurso para sahir do mau passo que deu se não nas armas d'Inglaterra, e de Hespanha!! Sei que o homem se tem entendido com o governo hespanhol a este respeito, e espero



saber em poucos dias circunstanciadamente o que se tem passado.

«Continuo a acreditar que não se violarão os principios do direito das gentes, e não se decretará nos gabinetes de Londres, e de Madrid uma intervenção armada na questão entre a nação portugueza e o bando faccioso que domina em Lisboa; embora haja desejos que ella se termine, e n'este sentido se deem conselhos, ou se faça alguma manifestação. Estes desejos não ha ninguem sensato, e amante do paiz, que os não tenha; mas no interesse mesmo do paiz, e ainda no da corôa da rainha é necessario que a facção de Lisboa se submetta reconhecendo o mal que fez ou ella seja a isso obrigada pelas armas, e que os facciosos não possam mais comprometter o throno, e arrasta-lo a tentar contra as liberdades publicas. Este é o pensamento que aqui domina geralmente.

«A idéa d uma transacção ou composição em que se tem fallado é reprovada por todos: as condições indispensaveis para que a nação não seja burlada não podem ser garantidas por nenhuma mediação.

«Os sitiados do castello de Vianna não podem deixar de render-se em poucos dias, e por communicacões interceptadas se sabe que o governador officiará n'este sentido ao Saldanha dizendo que terá de entregar-se á discripção não sendo promptamente soccorrido.

«A retirada do Casal de Traz-os-Montes ou a sua derrota não pode deixar de apressar este acontecimento: e esta alternativa é inevitavel. A junta continua a trabalhar activamente: vai apparecendo dinheiro, e não ha receio de faltarem os meios para continuar a guerra.

«O partido realista tendo conhecido que a bandeira de D. Miguel não podia hastiar-se, e que podia prescindir d'ella sem se deshonrar, adheriu ao movimento nacional: D. Miguel não tem mais que esperar, e deve estar desenganado de que qualquer tentativa para tornar a occupar o throno é infructifera. Hoje apparece apenas em campo apparentemente por elles, mas na realidade pela facção de Lisboa, um padre João do Cano que ultimamente illudiu alguns miseraveis; mas foi batido no dia 17 em Vieira. O Pereira dos Reis estava em communicação com elle, e tinha-lhe feito avantajada promessa no caso de sublevar a favor de D. Miguel uma parte do Mi-

nho. O padre não alcançaria uma mitra; mas teria um bom canonicato na Sé de Lisboa ao lado do bom guerrilheiro conego Cabral; do José Lacerda, e do Eleuterio da gazeta de Lisboa. Já lhe disse na minha ultima carta que o Reis se não julga seguro em Valença, e vai todas as noites dormir a Tuy: é verdade. Alli são mais os presos que os soldados da guarnição. Este patriota a quem muito cuidado dão os miguelistas tem procurado conseguir do Padre Casimiro o que conseguiu do Padre João do Cano; mas por ora de balde. Estão a entrar muitos recrutas, e alguns soldados apresentados. Vai sair alguma força na direcção de Penafiel. Saldanha esteve toda a noite de ante-hontem em armas.»

#### CORRESPONDENCIA INTERCEPTADA

Não commentamos a carta seguinte escripta ao conde de Vinhaes: a phrase é d'um garoto perfeito:

«Oliveira d'Azemeis 16 d'abril de 1847. — Meu caro conde. — Muito e muito estimei saber da tua chegada a Lisboa, e da optima recepção que tiveste de SS. MM. e de todos os amigos honrados, agora meu bom amigo, Deus permitta que tu sejas feliz, e colhendo novos louros prehenchas as esperanças que em ti todos temos depositado, do que nada duvido, já pela tua valentia e intelligencia, como pela força que commandas; dá uma boa tósa n'essa canalha do Alemtejo, acautela-te do primeiro rompante do maneta, depois cahe-lhe em cima, e não o percas mais de vista.

Da divisão do Casal nada ha de novo, na provincia de Traz-os-Montes. Igualmente a carta para teu irmão lhe será remettida pelo João Pimentel que para alli marcha amanhã.

A corja do Porto, tem-nos ameaçado estes ultimos dias de nos vir atacar, estiveram para isso com as reservas carregadas, etc., porém parece que o seu furor bellico já esfriou, nós o esperavamos como tu sabes.

Recommenda-me ao Graça que espero tenha correspondido á opinião que d'elle te dei.

O duque de Saldanha recebeu com muito prazer os teus recados que retribue, assim como os amigos B. da Luz, Ximenes, Damasio, etc. — Teu amigo velho e sincero — *Saavedra.*»